

Nuno Verdial Soares

FLUL

Começar a Vinf e Pôr-se a Vinf: Marcadores de que Fronteiras?

0. Nota Inicial

Para o falante comum do Português Europeu, um enunciado do tipo de (1) não será entendido de forma muito diferente de (1').

(1) Aquele quadro tinha qualquer coisa... **pus-me a estudá-lo**
com atenção

(1') Aquele quadro tinha qualquer coisa... **comecei a estudá-lo**
com atenção.

É provável que (1) seja entendido como uma variante estilística, um coloquialismo mais expressivo, uma forma mais intimista de transmitir ao interlocutor o mesmo significado de (1'). Mas os seus comportamentos semânticos são distintos. Daí que não seja arbitrária

a escolha de uma ou de outra forma pelos falantes, em boa parte das situações enunciativas.

1.1. "Pôr-se a -": Algumas Particularidades

Pôr-se é uma forma de uso marginal. Os dicionários registam-na na mesma entrada de "pôr" e classificam-na como verbo reflexo integrante de expressões idiomáticas quer do domínio da norma culta, quer de registos familiares.

Devemos considerar uma especificidade de **pôr-se a**: a definição do estatuto da forma dita reflexa do verbo "pôr". As línguas românicas, de um modo geral, dispõem de "se" com diferentes usos em diferentes contextos. Em Desclés e Guentchéva (1993), esses usos são classificados para o francês. Considerando as categorias propostas, o médio é aquele que exprime um acontecimento linguístico em que o sujeito é agente e simultaneamente agido ou paciente. Será este o caso em **pôr-se a**.

2. A Teoria Formal Enunciativa

O processo da enunciação, da construção de significação, é feito por meio de operações de localização das noções em relação aos parâmetros abstractos Sit (S,T) - Situação, Sujeito enunciador, Tempo (tempo/espço). As ocorrências linguísticas das noções são, neste processo, duplamente localizadas: situacionalmente e nocionalmente. Assim, o enunciado é resultante de uma cadeia de operações que resulta numa relação predicativa - estrutura com sentido - que será

localizada em relação a Sit e afectada dos valores referenciais das diferentes categorias gramaticais. As ocorrências linguísticas são, como disse, resultantes de um trabalho nocional. A construção da ocorrência implica a construção do seu complementar linguístico "não P", e este não é apenas a negação de P, o seu contrário. É antes "outro que não P", ou seja, implica a existência de um domínio nocional que funciona mais como um *continuum* do que como uma conjugação de contrários.

As ocorrências linguísticas são, assim, localizadas na relação predicativa em relação à Situação de enunciação e ao domínio nocional a que pertencem.

3. Hipóteses e Metodologia

Considerando o que atrás foi exposto, a hipótese de partida da análise que pretendo efectuar é a de que as formas **começar a Vinf** e **pôr-se a Vinf** se comportam de modo semelhante a "**commencer à**" **Vinf** e "**se mettre à**" **Vinf**, como foi descrito por Franckel (1989).

Deste modo, procurarei verificar, numa abordagem necessariamente transcategorial, se os valores das formas em causa são os mesmos para o português e o francês ou se existem diferenças. A constatar-se esta última hipótese, tentarei estabelecer e explicar quais essas diferenças.

Começarei por testar o comportamento das formas em coocorrência com relações predicativas afectadas por valores aspectuais representativos dos diversos estados de coisas, utilizando os conceitos de Vendler especificados em Dowty (1979)

Posteriormente, observarei o seu comportamento em relação a alguns adverbiais; a sujeitos de primeira pessoa e a enunciados no presente de reportagem. Finalmente, tentarei explicar as condições de ocorrência em enunciados afectados de valores de modalização relacionados com graus de agentividade.

4. As Categorias da Tipologia de Vendler

4.1. Estados

A coocorrência de **pôr-se a** com predicacões de tipo estativo não é possível:

(2) A Ana começou a / *pôs-se a estar doente no início desta semana.

Em (2) a construção com **pôr-se a** é claramente não enunciável. Por seu turno é a presença de um adverbial deíctico pontual que permite a ocorrência de **começar a**. A coocorrência do adverbial e do estativo constrói, neste caso, a localização aspectual da relação predicativa em T_0 . A construção da passagem do complementar linguístico - "estar são" - para "estar doente" é aparentemente marcada por **começar a** e por **no início de**. De notar no entanto que o enunciado não pode ser glosado por:

(3) A Ana ficou doente no início desta semana

"Ficar doente" também implica a passagem de "estar são" para "estar doente", sem estabelecer, no entanto, uma fronteira do aberto com características de antecipação.

4.2. Actividades e Eventos Prolongados

Consideremos os seguintes enunciados:

(4) "O pastorinho, como ainda era criança, pôs-se aos saltos e a dançar "

Irene Lisboa, *Queres ouvir? Eu conto.*

(5) "Júlio curvou-se e começou a desenhar com o dedo sobre o pó do largo."

Manuel da Fonseca, *O Fogo e as Cinzas.*

As actividades gozam da propriedade do subintervalo facilmente reconhecível em **dançar** e **desenhar com o dedo sobre o pó do largo** em qualquer intervalo da linha dos tt se pode dizer que o pastorinho dançou e que Júlio desenhou com o dedo sobre o pó do largo. Ambos os enunciados permitiriam a ocorrência de **pôr-se a** e **começar a**. Que diferenças haverá então? Vejamos o contexto de (4): «Morto o terrível sardão. Os jactos de água abatem e deitam a correr. A terra reverdece, os passarinhos voltam a voar e a cantar e os outros animais repovoam-na. E o pastorinho...»

Em (4) o valor iterativo de **aos saltos** permite uma homogeneização da sucessão de eventos instantâneos. O complementar linguístico de **põe-se aos saltos e a dançar** seria "parar, ficar quieto".

Em (5) **desenhar** é recategorizável de não transicional a transicional pela expressão aparentemente pleonástica **desenhar um desenho**. Mas, o contexto que se lhe segue pouco depois é o seguinte: «Um carreiro de formigas passava-lhe perto do nariz - e, como Júlio nada mais dissesse, entretido a riscar de novo no pó...» Júlio não chegou a desenhar nada, riscou. Ou seja, independentemente de se ter ou não desenhado realmente qualquer coisa é possível dizer-se que se começou a desenhar.

A característica que diferencia actividades de eventos prolongados é a de que estes não gozam da propriedade de subintervalo e implicam uma transição. A proposição **construir a sua casa** pressupõe uma sucessão de tt não homogénea e a construção do seu complementar linguístico - a casa está construída - só é possível após o último instante coincidente com a fronteira de fechamento. Em (6) ambas as construções são possíveis:

(6) O Silva começou a / pôs-se a construir a sua casa

4.3. Eventos Instantâneos.

Pôr-se a e **começar a** não são compatíveis com predicções de evento instantâneo:

(7) *A mãe começou a / *pôs-se a sair de casa.

"Sair" representa a transposição de uma fronteira. T_2 é um instante da cadeia dos tt.

A recategorização das predicções de evento instantâneo em actividades verifica-se, todavia, dependendo das operações de determinação nominal sobre os N da relação predicativa que coocorra com adverbiais inclusivos e durativos. Verifica-se que, nestes casos, **começar a** pode ocorrer

Pôr-se a não pode ocorrer em enunciados deste tipo.

5. Adverbiais

Começar a é incompatível com adverbiais durativos. Tal não sucede com **pôr-se a**.

"Quando", com valor pontual, é perfeitamente compatível com ambas as formas. O mesmo se verifica com advérbios modalizadores, como "felizmente", ou outros marcadores aspectuais como "fentamente".

(8) A Sofia resmungou quando o pai se pôs a / começou a falar de futebol.

(9) Lentamente, ?pôs-se a / começou a fantasiar sobre o amor

(10) Felizmente pôs-se a / começou a assobiar e não se falou mais do assunto

(9) é, porém, menos aceitável com **pôr-se a**. Compare-se para este efeito a coocorrência com um adverbial antónimo, em (9')

(9') De repente, pôs-se a fantasiar sobre o amor.

Os valores de que "de repente" é marcador - aspecto pontual e modalização de inesperado - implicam um corte na linha dos tt entre o acontecimento linguístico anterior e contíguo e a entrada imediata no acontecimento linguístico localizado temporal e aspectualmente pelo adverbial.

6. Primeira Pessoa da Conjugação Verbal

Em Português, ao contrário do Francês, os enunciados em que o sujeito origem se identifica com o sujeito do enunciado são aceitáveis com **pôr-se a**

(11) "Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali? Parei-me e pus-me a namorar a janela. Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço."

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*.

O sujeito não é o seu localizador, o enunciado é construído como um efeito de um acontecimento exterior.

7. Presente de Reportagem

O localizador temporal do presente de reportagem está em ruptura com o tempo da enunciação, é por isso chamado aorístico. **Pôr-se** recebe dificilmente a categoria gramatical do presente de reportagem como se observa no exemplo (12):

(12) João Pinto recebe a bola e começa a / ?põe-se a correr pelo campo.. A equipa começa a / *põe-se a reagir.

O presente de reportagem descreve os acontecimentos numa linha de *tt* como uma sucessão de intervalos fechados à esquerda e à direita. **Começa a** pode ser um desses intervalos. **Põe-se a** implica já o interior do acontecimento linguístico e tende a prolongar esse acontecimento.

8. Modalização e Agentividade

Na modalidade intersujeitos, a relação predicativa deve possuir o traço de [+ Dinâmico] e o sujeito deve ser o agente. **Pôr-se a** não pode ocorrer em contextos como o de (13), em contrapartida, **começar a** é perfeitamente natural

(13) O presidente começou a / *pôs-se a ter que comprar as fotocópias.

Pôr-se a não depende da vontade do sujeito do enunciado S_0 não pode validar uma relação predicativa que implique uma operação não consciente sobre uma obrigatoriedade consciente.

É evidente, por outro lado, que **pôr-se a** não pode aceitar um S_2 menos agentivo. A ocorrência de **pôr-se a** é resultado de uma modalização de S_0 sobre S_2 (coincidente ou não com ele), como um marcador de atenuação de um traço aparentemente [+ Agentivo].

9. Conclusão

Começar a Vinf pressupõe uma antecipação e a construção de uma fronteira do domínio nocional de P. É a construção do complementar linguístico do interior do domínio. Assim, pode ocorrer em enunciados que descrevam actividades e eventos prolongados. A sua ocorrência em predicções de estado implica a presença de um marcador localizador do primeiro momento da linha dos tt.

Pôr-se a Vinf constrói o interior homogeneizado do domínio P. Predica a existência de um processo não esperado pelo enunciador e por ele modalizado como menos positivo. O sujeito do enunciado é todavia agente da relação predicativa. A impossibilidade de antecipação do processo e a distância do enunciador em relação à actualidade caracterizam **pôr-se a Vinf** como uma construção aorística. Parece pois ser um marcador de uma noção gramatical por contraste com **Começar a Vinf** que para além de marcador de uma noção de aspecto é uma lexicalização de uma noção predicativa.

10. Bibliografia

- CAMPOS, M.H.C. (1985), "Ambiguidade lexical e representação metalinguística". Separata do *Boletim de Filologia*, 30. 113-131.
- CAMPOS, M.H.C., e XAVIER, M.F. (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CULIOLI, A. (1990), *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris, Ophrys.
- DESCLÉS, J.-P. e GUENTCHÉVA, Z. (1993), "Le Passif dans le système des voix du français", *Langages*, 109: 73-102.
- DOWTY, D.R. (1979), *Word meaning and Montague Grammar*. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company.
- FRANCKEL, J.-J. (1989), *Etude de quelques marqueurs aspectuels du français*, Genève, Librairie Droz S.A.